

*Este número tem uma capa e um texto. Entre uma e outro, um fio de anos. Há dez anos, em Abril, as cores cheias de um movimento social inusitado sulcaram o corpo tenso da nossa sociedade e fenderam-no em dois retratos antagónicos e gémeos. De um lado, a cara rota de um chão pisado por muitos anos de passadiço autoritário. Do outro lado, o perfil desalinhado de uma promessa mal contida de futuro. Esta fractura correu o sangue inumerável da face social do país. Dividiu classes e grupos sociais, dividiu regiões e profissões, dividiu famílias e pares de namorados, dividiu palavras e gestos e, sobretudo, dividiu pessoas de alto a baixo como um machado de raiva desusada.*

*A princípio, os retratos foram tão só antagónicos. Foi o período das escolhas rápidas e intensas. A verdade arroteava os passos e o menor desvio era traição. Foi um tempo criativo e precipitado cujos ponteiros deixavam cicatrizes nas decisões e nos conflitos que se compunham e descompunham a toda a hora. Um país global, empenhadamente à experiência, um objecto de análise demasiado sedutor e climático para deixar o analista perto da outra margem, feito calhau parado na corrente. Os cientistas sociais que assim se julgaram estiveram de facto em movimento, conquanto contra a corrente. Assim se foram criando os olhos e as paisagens, as mãos e os instrumentos, que o sonho ficou colado à realidade como um mito (a recontar) nascido ontem de muitos séculos.*

*Os minutos foram sendo dias e os dias foram sendo anos e em breve os retratos, antes antagónicos, foram, para muitos, ficando gémeos. A criança, vermelha no sangue e verde nos olhos, pareceu envelhecer dentro de muitos, ferida de uma eternidade fatal que a devolvia a andrajos recorrentes, sem remédio. De repente, tudo pareceu ter sido em vão. Romper tanta rotina, faltar a tanto encontro, saltar tanto abismo para cair, desamparada e só, no mesmo lado de sempre, corpo partido contra um passado de mármore, feito futuro necessário e suficiente.*

*A Revista Crítica de Ciências Sociais aprendeu em sete anos que os dois retratos em que ainda hoje a sociedade portuguesa se reconhece são simultaneamente antagónicos e gé-*

meos. As asas do que se fez voaram mais baixo do que se pensava e, mesmo assim, sujeitas a temporais que se não previra. As novas construções olharam-nos muitas vezes com ressentimento e desequilibraram-se frequentemente para dentro do retrato velho de que se criam fora. Apesar disso, não se partiram todos os ossos, não houve queda até ao fundo, nem retrocesso até ao ponto de partida. As criações fragmentárias do futuro foram-se consolidando em espaços institucionais, em realizações colectivas, em práticas sociais, em convivências e olhares impensáveis há dez anos.

No domínio das ciências sociais, foi-se a pouco e pouco compondo um quadro de vida científica capaz de promover o conhecimento sereno e empenhado da nossa sociedade e, ao mesmo tempo, de garantir a convivência, tanto na partilha como na diferença, de várias gerações de investigadores e de investigações sociais. Em seu texto e em seu contexto este número da Revista é um traço significativo desse quadro.

O texto de Hans Singer é a notícia do viático, tão vário que mais parece encruzilhada, palmilhado e a palmilhar pelos passos económicos de uma sociedade que só depois de reduzida às arestas da península logrou alastrar o olhar à sua presença em ordens (e desordens) económicas globais, tão abstractas quanto imediatas.

O texto de Madureira Pinto foi originalmente produzido no âmbito das provas do primeiro doutoramento em sociologia realizado em Portugal. Este doutoramento é um marco na afirmação das ciências sociais no nosso país não apenas pela precedência como também pela excelência. Constitui a linha avançada do processo de trabalho de gerações que, em tempo de caminhos velhos, calcorream dificuldades e suores para ir vendo gradualmente reconhecido o seu esforço.

O texto de António Costa é o texto de um jovem sociólogo, da geração dos que já começaram o seu trabalho profissional no lado novo do retrato e que nele vão firmemente construindo os pormenores de uma sociedade velha e nova dos anos que, em nossas contradições, lhe damos.

O texto de Boaventura de Sousa Santos é um mapa, por enquanto em grande escala, um roteiro de hipóteses de trabalho para compreender o que aconteceu e nos fez acontecer nestes dez anos e em outros mais que caíram para cada um dos dois retratos como um repuxo de água em movimento. Um roteiro para muitos percorrerem e muitos mais transgredirem nos dias em que, ao tempo deste número, a Revista Crítica de Ciências Sociais, organiza o Colóquio Portugal 1974-1984 e, através dele, congrega em Coimbra a vontade de caminhar.